

Terezinha, uma intérprete de Bomfim

Samuel Albuquerque

Resumo

Resenha do livro *Manoel Bomfim, um intérprete do Brasil*, de Terezinha Alves de Oliva, publicado em 2022, pela Editora SEDUC.

Palavras-chave: Manoel Bomfim, Brasil, História do Pensamento Geográfico.

183


* Historiador, Professor do Departamento de História da UFS e Sócio do IHGSE.

Terezinha, an interpreter from Bomfim

Terezinha, intérprete de Bomfim

Abstract

Review of the book *Manoel Bomfim, um intérprete do Brasil*, by Terezinha Alves de Oliva, published in 2022, by Editora SEDUC.

Keywords: Manoel Bomfim, Brasil, History of Geographical Thought.

Resumen

Reseña del libro *Manoel Bomfim, um intérprete do Brasil*, de Terezinha Alves de Oliva, publicado en 2022, por la Editora SEDUC.

Palabras Clave: Manoel Bomfim, Brasil, Historia del pensamiento geográfico.



Em fevereiro de 2023, fomos, eu e Terezinha Oliva, visitar os amigos Beatriz e Ibarê Dantas. Ainda usávamos máscaras, mas, devidamente vacinados, estávamos mais tranquilos em relação à pandemia e felizes com o reencontro (acredito que o segundo, desde princípios do sombrio 2020). Na ocasião, fomos presenteados com o novo livro de Terezinha: *Manoel Bomfim, um intérprete do Brasil*, que havia sido publicado pela Editora SEDUC em fins de 2022 e aguardava seu lançamento individual, o que ocorreria, somente, em 17 de maio de 2023.

Celebramos juntos o nascimento da obra e, mirando o “cavaleiro de fina estampa” na capa do livro, brinquei: “ela se divorciou de Fausto e contraiu novas núpcias com Bomfim”. Referia-me, evidentemente, a dois elementos de relevo na trajetória intelectual de Terezinha: seus estudos sobre a Revolta Fausto Cardoso, que culminaram com a publicação do já clássico *Impasses do federalismo brasileiro* (1985) e com seu estudo sobre o pensamento geográfico de Manoel Bomfim, tese de doutorado em Geografia, defendida em fins dos anos 1990 na UNESP/Rio Claro, que se desdobrou no livro mais recentemente lançado.

Terezinha Alves de Oliva, sabem muitos, é consagrada historiadora sergipana, professora emérita da UFS e oradora oficial do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Formou muitas gerações de professores de História na UFS e escreveu algumas das páginas mais importantes da nossa Historiografia. Particularmente, fui seu aluno, monitor e orientando. Tive nela minha principal formadora.

Não sou versado em Manoel Bomfim e, menos ainda, em História do Pensamento Geográfico. Contudo, esta resenha é fruto da leitura de um historiador sobre um trabalho circunscrito na encruzilhada entre a Geografia e a História. Minha confissão revela uma das grandezas do livro de Terezinha. O texto é inteligível, fluido e interessante ao ponto de prender a atenção e ganhar leitores não especialistas no tema principal que aborda.

Destacando Bomfim entre os sergipanos que deram os contornos do campo intelectual brasileiro entre fins do século XIX e princípios do século XX, Terezinha explica que o autor “revisou a histó-



ria oficial do seu tempo, opôs aos heróis da historiografia branca e europeizante a saga do brasileiro, mestiço, organizador do espaço e construtor da nação” (Oliva, 2022:15). Daí a importância de entender Bomfim como um intérprete da construção do espaço nacional, autor de um legado singular ao pensamento geográfico brasileiro. Entre as grandes questões que levantou, assinala Terezinha, Bomfim empenhou-se em provar a falsidade das teorias da desigualdade inata entre as raças “muito antes que, no pós-Segunda Guerra, tais teorias fossem rejeitadas”.

Como ressalta a acreditada geógrafa Alexandrina Luz, no prefácio do livro em questão, a historiadora Terezinha “escava no passado o pensamento social e particularmente geográfico de Manoel Bomfim”, lendo-o com as lentes interpretativas do Estruturalismo Genético de Lucien Goldmann, importante referência no lastro teórico da tese. Por essas lentes, Terezinha analisa a conjuntura em que a obra de Bomfim está inserida, o discurso e a visão de mundo do autor, bem como as estruturas significativas do seu discurso, vendo a obra de Bomfim “no plano mais global do liberalismo político e no contexto do Brasil do *fin-de-siècle*” (fins do século XIX e princípios do século XX). Todavia, Terezinha destaca a inserção contraditória do autor nessa realidade. Bomfim foi, em grande medida, um ponto fora da curva em nossa República das Letras, opondo-se ao darwinismo social ainda vigoroso e abraçando uma visão culturalista da sociedade brasileira, décadas antes dos aclamados estudos de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, por exemplo.

Ao penetrar no que já foi denominado de “Pré-História da Geografia” no Brasil, Terezinha nos conduz com segurança e sedução pelo legado de um dos pioneiros do pensamento geográfico nacional, alçando-o ao patamar de “pais fundadores” como Capistrano de Abreu, Euclides da Cunha, Aires do Casal e Gilberto Freyre. Dessa forma, Terezinha deixa também a própria marca no incipiente campo dos estudos de História do Pensamento Geográfico voltados ao período pré-acadêmico. Ela ilumina uma das figuras mais emblemáticas e menos conhecidas da inteligência brasileira das primeiras décadas do século XX.

Destacar a erudição, a capacidade interpretativa e a excelente escrita da historiadora Terezinha Oliva seria, como se diz popularmente, “chover no molhado”, ao menos para os que possuem alguma intimidade com a historiografia sergipana. Mas, não poderia deixar de assinalar o hercúleo esforço de Terezinha, notado no levantamento, na organização e na análise de um robusto número de trabalhos de Bomfim, que vão além dos títulos familiares aos nossos ouvidos e pouco alcançados por nossos olhos. São dezenas de escritos de Bomfim, entre livros, discursos e artigos que tratam da sociedade, da história, do território brasileiro e latino-americano.

O livro *Manoel Bomfim: intérprete do Brasil* foi estruturado por Terezinha em quatro capítulos que, em seu conjunto, dão-nos uma clara ideia do pensamento geográfico em Bomfim. Confesso que, para um historiador (e, mais ainda, para um historiador que já se debruçou sobre o tema da raça na obra de outro intelectual sergipano, contemporâneo de Bomfim: Felisbela Freire), o último capítulo da obra é um deleite, uma vez que nos aproxima em demasia da distante figura de Bomfim. Terezinha intitulou-o de *Um discurso sobre o branqueamento*. É o meu capítulo predileto, em uma obra interessante da primeira à última página.

E por que ler Bomfim ou lê-lo a partir da arguta análise de Terezinha? Novamente, a prefaciadora Alexandrina Luz foi certa, ao sintetizar questões exploradas à miúdo por Terezinha:

O projeto de nação de Manoel Bomfim é marcante na época atual, na defesa da valorização do indígena e do negro como sujeitos históricos reais da formação da sociedade brasileira, um projeto de defesa da luta contra a pobreza, a ignorância, pela formação pedagógica dos oprimidos, com realce à região Nordeste, que é colocada como o embrião da nação brasileira (Conceição in Oliva, 2022:27).

Terezinha, esbanjando capacidade de verter discussões e temas áridos em inteligível e atraente texto, não deixou de registrar a desafiadora tarefa de interpretar e de dar a ler Bomfim:



Descobrir Bomfim é uma surpresa e uma provocação. Seu discurso áspero e de estilo agressivo e verboso, ora desafia a persistência do leitor, ora o envolve pelo interesse de saber aonde vai chegar o seu raciocínio. É uma caminhada difícil acompanhar o Brasil exposto nos vários livros de Manoel Bomfim. Sua escrita tem o tom da voz de um amante apaixonado e ferido, revelando um sentimento que se desdobra em denúncias, as mais cruas e em projetos, os mais esperançosos (Oliva, 2022:30).

O “arranhento” Bomfim é amaciado por Terezinha, é traduzido quase que amorosamente por sua intérprete.

Terezinha, em suma, interpreta e convida à leitura de Bomfim. Suas conclusões sobre a potente e tão pouco conhecida obra do sergipano nos animam na tarefa.

188

Insistindo na regeneração do caráter nacional brasileiro e na união da América Latina, ele entendeu que o domínio imperial não é apenas econômico e político, mas que seria cada vez mais sancionado e fundamentado no predomínio cultural. O fortalecimento do Continente pela educação de massas e pela sua identidade cultural seria uma arma eficaz contra a exploração e o domínio capitalista e tornaria desnecessário o branqueamento. Bomfim não abriu mão da utopia, ainda em face do pessimismo circundante, porque confiava que todo o processo de dominação e degeneração não tinha sido capaz de exterminar as energias e as virtudes do caráter original guardado nas tradições. O brasileiro, identificado no trabalhador nacional, era transformado em redentor da sua própria história (Oliva, 2022:189).

Eis alguns dos motivos para ler Bomfim. As questões postas e que buscou responder, em um passado já distante, estão vivíssimas e sacudindo nossa sociedade. O trabalho de Terezinha, como ela própria concluiu, é um veio aberto para a imensa mina que representa a obra desse notável sergipano.

Na dedicatória que me fez, na página inicial da brochura, Terezinha registrou que estive presente na gestação do livro, durante o

processo editorial, deixando na criação da capa uma marca mais visível. Essa lembrança trouxe-me a felicidade de saber que, de algum modo, retribuí a atenção de quem me ensinou as mais importantes lições do meu ofício. Para além de uma grande professora, daquelas que dão contornos em nossa formação docente, Terezinha foi uma generosa orientadora, empenhada em partilhar sua sobriedade e erudição.

Sorte nossa que temos Terezinha! Sortudo Fausto, sortudo Bomfim, ressurgidos, renascidos em incontornáveis obras da nossa historiografia, legadas por essa sacerdotisa de Clio em Sergipe.



